

SAMUEL WAINER: A LUTA PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM *DIRETRIZES* (1938-1944)

SAMUEL WAINER: LA LUTTE POUR LA LIBERTÉ D'EX-
PRESSION DANS LA REVUE *DIRETRIZES* (1938-1944)

Joëlle Rachel Rouchou*

Correspondência

Rua Abade Ramos, 78/101.

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil. CEP: 22461-090.

E-mail: joellerouchou@gmail.com

Resumo

A revista *Diretrizes* foi lançada em maio de 1938 pelo intelectual conservador Azevedo Amaral. Sete meses depois, o periódico passa a ser dirigido por Samuel Wainer que imprime uma linha editorial progressista e nacionalista, até seu fim, em julho de 1944. Interessa-nos analisar os temas escolhidos pela publicação, as contribuições de textos para a história da imprensa, dando ênfase aos editoriais, comparando as posições dos primeiros editorialistas no ano de 1938: Azevedo Amaral e Genolino Amado.

Palavras-chave: *Diretrizes*; jornalismo; Samuel Wainer.

Résumé

La revue *Diretrizes* a été fondée en mai 1938 par l'intellectuel conservateur Azevedo Amaral. Sept mois plus tard, la publication sera dirigée par Samuel Wainer qui imprime une ligne éditoriale progressiste et nationaliste, jusqu'à sa fin, en juillet 1944. Nous nous intéressons à analyser les thèmes choisis pour le magazine, les contributions des textes pour l'histoire de la presse, privilégiant les éditoriaux, en comparant les positions des premiers rédacteurs durant l'année 1938: Azevedo Amaral e Genolino Amado.

Mots-clés: *Diretrizes*; journalisme; Samuel Wainer.

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Professora de Jornalismo nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA).

Introdução

O Rio de Janeiro foi o palco escolhido pelo bessarabiano Samuel Wainer (1912-1980) para exercer seu ofício de jornalista. Filho de pais pobres, imigrantes judeus, que se instalaram no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. A vida rotineira, sem *glamour*, não era suficiente para Wainer que foi à luta e aos 12 anos, em 1924, decidiu estudar no Rio de Janeiro, no Pedro II, e viver com sua irmã Rosa, que já havia se mudado para a então capital.

A mais perfeita tradução do que efetivamente foi Samuel Wainer é ter sido um jornalista. A dimensão desse jornalista vem da trajetória em que galgou todos os degraus, desde o trabalho de repórter até a entrada no seletíssimo e restrito clube dos donos de jornais no Brasil. Depois trabalhou na revista *Diretrizes*, correu mundo como correspondente dos *Diários Associados*, cobriu os acontecimentos mais importantes do pós-guerra, entrevistou o então esquecido Getúlio Vargas, vaticinando sua volta, fundou o jornal *Última Hora* e ainda rodou algumas redações. Viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro e terminou sua vida como empregado do jornal *Folha de São Paulo*, empresa que havia comprado seu jornal. Falar de *Diretrizes* implica em contar a vida de Samuel Wainer.

Em termos jornalísticos, sua carreira é das mais invejáveis. Ele se movia elegantemente cruzando a fronteira entre patrões e empregados com charme e classe que permaneceram como sua marca. O que torna suas memórias instigantes é sua carreira cheia de aventuras, sua força em buscar uma matéria jornalística, sua obsessão pelo *furo*. Era o homem que estava sempre no lugar onde a notícia acontecia. Wainer foi dos raros donos de empresas jornalísticas que passou pelas máquinas de uma redação. Com isso, ele pôde participar do processo de feitura do jornal em todas as suas etapas. Para cumprir a tarefa de ser jornalista é preciso experimentar todas as editorias e descobrir qual o assunto preferido e ir fundo nele. Wainer foi mais longe: além de conhecer a redação, descobriu o jornal como empresa a ser gerenciada e - o mais terrível - o uso dessa empresa como um quarto poder da República.

O jovem se interessava por política e no Rio começou a sair do gueto familiar, abrir novas perspectivas. Conheceu Adolfo Eizen, fundador da editora Brasil América, Abraham Koogan, da livraria Koogan, depois Delta Larousse. Ele queria ser bem-sucedido intelectualmente e o Rio de Janeiro oferecia essa possibilidade. Para tornar-se jornalista começou escrevendo uma coluna num jornal da comunidade judaica e aos poucos conhecendo o meio. Redigiu alguns artigos para uma coluna de assuntos israelitas no *Diário de Notícias*, até ser convidado por Azevedo Amaral (1881-1942) para integrar a revista *Diretrizes*, lançada em maio de 1938. Era uma revista nacionalista que iria registrar a vida política brasileira daquele momento. Lembra que aceitou o desafio porque queria ser jornalista, mesmo reconhecendo que não sabia redigir.

As memórias de Samuel foram gravadas em 53 fitas, e três etapas, que somaram quase 1.300 páginas datilografadas. Nas duas primeiras fases, as gravações foram feitas pelo jornalista Sérgio de Souza, nos meses de janeiro, fevereiro e junho de 1980. A terceira foi realizada pela jornalista Marta Góes, entre julho e agosto do mesmo ano.¹ Na ausência de um arquivo - Samuel não mantinha esse hábito, segundo seus parentes - estas 1.300 páginas me pareceram a fonte mais completa para mergulhar no seu universo.²

Diretrizes foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em abril de 1938 por Antônio José de Azevedo Amaral, um dos intelectuais que apoiou o Estado Novo, que pensou a revista como um espaço para a doutrina varguista. Seis meses depois, Amaral teve desentendimentos com Wainer e saiu da publicação por não concordar com a linha editorial que tomava um rumo oposto a suas posições políticas.

Num primeiro momento, a revista foi mensal, e dois anos depois, a revista passou a ser uma publicação semanal. Durante seus mais de 200 números, o hebdomadário conseguiu independência dos demais jornais e revistas do país, buscando liberdade de expressão e uma linguagem reflexiva em seus textos elegantes e pertinentes.

Segundo Vergara,

o golpe de 10 de novembro foi acompanhado da imposição de uma nova Carta Magna, que mudou as características da imprensa, conforme se observa nas determinações constitucionais sobre a questão. Portanto, a imprensa tornava-se um serviço de utilidade pública, condição inédita e que transformou o papel antes desempenhado, ou seja, ser um espaço de debates de ideias, opiniões e concepções, que se enfrentavam no espaço público. Na nova ordem, não haveria mais intermediários entre o governo e a sociedade civil, uma vez que, o Estado (leia-se, o chefe de governo) estava em comunicação direta com a nação. Assim, em setembro de 1939, com o objetivo de ampliar as atividades do Departamento, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), sob a direção de Lourival Fontes. Para organizar suas tarefas e atividades, o DIP foi dividido em cinco divisões específicas: a de divulgação; rádio; teatro e cinema; imprensa, turismo e serviços auxiliares, denominação alterada em 1942 para serviço de administração. Coube ao órgão centralizar e coordenar a comunicação no Estado Novo, organizando um modelo que atendesse as necessidades de divulgação e propagação dos preceitos do regime bem como dos atos do governo.³

¹ Este material - que chamo aqui de material bruto - me foi cedido pela filha de Samuel, Pinky Wainer, permitindo um estudo mais abrangente da vida de seu pai.

² ROUCHOU, Joëlle. *Samuel*. Duas vozes de Wainer. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

³ VERGARA, Anelize. *O homem da rua*: Rubem Braga e a Revista *Diretrizes*. Faculdade de Ciências e Letras – Assis. São Paulo, 2010, p. 1-2

A revista teve circulação regular no seu primeiro ano, mas não conseguiu manter a publicação mensal. A partir de janeiro de 1941, a revista passou a ser semanal, abordando temas mais populares. Segundo a hemeroteca da Biblioteca Nacional,

A mudança deveu-se, em grande parte, às posições dos responsáveis pelo periódico face ao autoritarismo vigente em alguns países da Europa (e, por extensão, também no Brasil) e diante do desenrolar da Segunda Guerra Mundial. A mudança no teor da publicação, de acadêmico para popular, revelava, de certa forma, a busca da democratização da informação e da própria política nacional, então sufocada pelo regime fechado e violento do Estado Novo.

Com a gradual politização dos artigos e o emprego de linguagem mais acessível, que lhe rendeu mais leitores, *Diretrizes* acentuou o seu caráter liberal e democrático, oposto ao situacionismo. Embora concordasse com grande parte das medidas econômicas e sociais tomadas pelo governo de Vargas, a revista cada vez mais evidenciava a sua oposição ao autoritarismo do regime.⁴

É na redação de *Diretrizes* que Wainer conhece a intelectualidade da cidade-capital, os formadores de opinião: Moacyr Werneck de Castro, o então comunista Carlos Lacerda e outros integrantes do Partido Comunista. Samuel convidou para integrar a redação vários escritores como Graciliano Ramos, Astrogildo Pereira, Adalgiza Nery, Jorge Amado, Octávio Malta e Rachel de Queiróz. Trabalharam ou colaboraram na primeira fase de *Diretrizes*, entre outros, Joel Silveira (secretário de redação), Osório Borba, Marques Rebelo, Genolino Amado, Álvaro Moreyra, Aparício Torelly (o “Barão de Itararé”), Rubem Braga, Antônio Nássara e Francisco de Assis Barbosa.⁵

O objetivo de *Diretrizes* era lutar contra o fascismo e o nazismo e a briga seria árdua contra os dispositivos de Getúlio Vargas, uma vez que a equipe da revista sofria a censura prévia do DIP. Segundo Mônica Velloso:

(...) as origens dessa instituição remontam a um período anterior ao Estado Novo. Em 1934, Vargas defendera a necessidade de o governo associar o rádio, cinema e esportes em um sistema articulado de “educação mental, moral e higiênica”. Essa ideia começou a se concretizar no ano seguinte, quando o primeiro escalão do governo se reuniria para fazer uma avaliação da repressão à Intentona comunista. Nessa reunião seriam lançadas duas sementes de rápida frutificação: o Departamento de Imprensa e Propaganda e o tribunal de Segurança Nacional. Criado pelo decreto presidencial de dezembro de 1939, o DIP, sob a direção de Lourival Fontes, viria materializar toda prática.⁶

⁴ Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/diretrizes/>. Acesso em 22 set. 2016.

⁵ ROUCHOU, Joëlle. Azevedo Amaral, Rubem Braga e Álvaro Moreyra nas páginas de *Diretrizes* (1938-1939). Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1722-1.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

⁶ VELLOSO, Mônica P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1987, p. 19-20

Burlando a lei, sendo chamado e censurado, Wainer ia navegando entre os intelectuais de esquerda que participavam da revista na ditadura. Era um embate permanente. O DIP foi criado por decreto presidencial⁷ em dezembro de 1939, com objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares vindo do Departamento Oficial de Publicidade, criado em 1931. Ao DIP cabia, segundo o CPDOC, “coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa, fazer censura ao teatro, cinema e funções esportivas e recreativas, organizar manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos, conferências e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo”.

As informações eram enviadas gratuitamente para a imprensa pela Agência Nacional que tinha um monopólio das notícias. Samuel cuidava de *Diretrizes* desde a redação até a impressão. Buscava anúncios, escrevia artigos e assim conseguia um dinheiro que dava para pagar seu aluguel. Mas ele tinha de enfrentar a censura, a repressão do Ministério da Guerra.⁸

A revista foi se firmando como uma importante publicação, lutando por interesses nacionalistas, sendo uma das primeiras a defender a criação da indústria siderúrgica brasileira. Até o final dos anos 40, a revista era mensal e foi se modernizando graficamente, com seções de humor, entrevistas e cultura. Mas o dinheiro ficou curto, havia pouco anúncio e Samuel foi com seu amigo Rubem Braga⁹ buscar dinheiro dos *capitalistas*.

Pequenas empresas paulistas e cariocas anunciaram em *Diretrizes*, mas as publicidades de maior destaque eram de cassinos diversos, da Companhia Nacional de Seguros de Vida Sul América e das norte-americanas *Gillette*, *Westinghouse*, *Standart Oil* e *Ford*. A publicidade de *Gillette* apareceu com maior frequência e era das mais elaboradas, visto que apresentava desenhos ou “histórias em quadrinhos” acompanhados de pequenos textos. “Siga o progresso! Barbeie-se em casa diariamente com *Gillette*”. Estes anúncios demonstraram um certo dinamismo publicitário presente nas páginas de *Diretrizes*.¹⁰

Encontram Maurício Goulart que entrou com 100 contos, o que viabilizou a *Diretrizes* semanal e foi um sucesso imediato. A revista combatia o fascismo dentro do regime ditatorial de Vargas. Samuel lembra que a luta permanente contra o DIP foi possível graças ao entusiasmo e ao trabalho de sua equipe: “Faltavam anunciantes, faltava capital, a venda em bancas não bastava para assegurar salários justos para

⁷ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/EducacaoCultura-Propaganda/DIP>. Acesso em 22 set. 2016.

⁸ Fita n. 9, p. 6/157, do material bruto de Samuel Wainer.

⁹ ROUCHOU, Joëlle; RESENDE, Yuri. *Diretrizes e as crônicas de Rubem Braga (1938-1939)*. Disponível em: <http://www.historiadamidiasudeste.com/uploads/8/0/3/0/80305748/mi02.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2016.

¹⁰ FERRARI, Danilo W. *Diretrizes: a primeira aventura de Samuel Wainer*. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia01/>. Acesso em 19 nov. 2016.

os homens que faziam a revista e a dívida com a gráfica aumentava. Ainda assim, prosseguíamos”.¹¹

Não era apenas de política que vivia a revista. A vida cultural e debates entre intelectuais também estavam na pauta. Em 1940, lança o Suplemento Literário com um elenco de escritores invejáveis. Pelas páginas, lia-se Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Cecília Meirelles, José Lins do Rego e Rubem Braga.

Durante a Segunda Guerra, a revista pode expandir suas ideias liberais e democráticas, pois o Brasil esteve ao lado dos Aliados. Apoiou a entrada do país na Guerra em 1942, publicava artigos contra os países do Eixo e levantou bandeiras importantes como o apoio à siderurgia nacional, a campanha do “petróleo é nosso” e ataque incondicional ao nazi-fascismo. Para Werneck Sodré, Wainer conseguiu com elegância e persistência, esgueirar-se pela rígida estrutura estadonovista:

(...) com esforços curiosos, muita malícia e alguma ousadia, passando assunto entre as estreitas malhas do vastíssimo rol dos assuntos proibidos, essa revista teve, realmente, papel de relevo na época, que foi ainda maior à medida em que, desde 1942 (...), os Estados Unidos juntaram-se aos Aliados. A participação da União Soviética na guerra, forçando a suspensão da propaganda anticomunista no ocidente, permitiu o combate ao nazi-fascismo e o Estado Novo começou a ser esvaziado de seu conteúdo originário e a debilitar-se.¹²

Vamos analisar os primeiros editoriais de Azevedo Amaral e fazer uma breve comparação com os do Genolino Amado, ainda no primeiro ano da revista, na passagem da primeira para a segunda fase de *Diretrizes*. Este recorte foi escolhido por tratar-se do momento em que a revista deixou de ser dirigida por um expoente pensador do regime político vigente. Azevedo Amaral foi um dos intelectuais do estado autoritário, posição expressa em seus textos publicados na revista. De plataforma do pensamento autoritário, ao fechamento pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, o aguçamento do caráter liberal democrático orientado pelo jornalista Samuel Wainer foi o percurso editorial do periódico. Neste sentido, como um exercício de análise de *Diretrizes*, apresentaremos as relações entre o pensamento de Amaral e o Estado Novo.

Diretrizes

Com sua influência política, Azevedo Amaral criou, em 1938, *Diretrizes*, uma revista para debater os rumos da nação e, para a empreitada, convidou o jovem jor-

¹¹ WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*. Memórias de um Repórter. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p. 67.

¹² SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 444.

nalista Samuel Wainer. Bancado com a verba da empresa Light and Power, o periódico tinha como subtítulo *Política, Economia e Cultura* e foi criado pelo intelectual como uma plataforma para justificar o Estado Novo e criticar o liberalismo.

Sobre o assunto, Wainer conta em suas memórias:

Ao sair da *Revista Contemporânea*, tratei de manter ligações com o mundo da imprensa, e um desses vínculos seria Azevedo Amaral, que já estava cego. Ele passou a ditar-me artigos que escrevia para algumas publicações, que eu depois copidescava. Em novembro de 1937, Getúlio Vargas decretou o Estado Novo, fechando o Congresso e todas as organizações políticas existentes no país, inclusive o movimento integralista. Nessa época, Azevedo Amaral convidou-me para trabalhar com ele no lançamento de uma nova revista. Ao ouvir a proposta, reagi como se a ideia de uma revista mensal fosse algo em gestação já há longo tempo num canto qualquer da minha cabeça. Várias ideias estavam elaboradas.¹³

Muito se apresenta em estudos sobre as características liberais democráticas de *Diretrizes*, da sua independência dos demais jornais e revistas do país em busca da liberdade de expressão e o uso de linguagem reflexiva. Tais atributos são notáveis principalmente a partir de janeiro de 1941, quando a revista passou a ser semanal e a abordar temas mais populares.

O sentido democrático da revista é notável no enfrentamento com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Assim como os demais veículos de comunicação da época, *Diretrizes* também foi controlada pela censura imposta pelo órgão, sendo obrigada a publicar propaganda política do governo e sendo forçada a retirar Maurício Goulart da redação, principal patrocinador da revista durante determinado período de tempo. O ápice desse embate é o fechamento da publicação em julho de 1944.

Bem antes, porém, é importante lembrar, *Diretrizes* estampou nos seus primeiros números os editoriais e a coluna *Comentário Internacional*, de Azevedo Amaral, importante intelectual alinhado ao pensamento de direita e diretor do periódico. A influência do autor na construção de um projeto editorial de revista não pode ser minimizada e precisa estar articulada às teorias autoritárias de Amaral, em voga no período já que o país havia acabado de iniciar um dos seus períodos históricos mais sombrios, a ditadura do Estado Novo.

O Estado Novo e o pensamento autoritário de Amaral

O Estado Novo foi o governo autoritário que se estendeu de 10 de novembro de 1937 até 29 de outubro de 1945. Comandado por Getúlio Vargas, foi instaurado a partir de um golpe de estado executado em resposta às eleições presidenciais que

¹³ WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*, *Op. cit.*, p. 49.

aconteceriam em 1938. O período foi marcado pela centralização do poder executivo, com o Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras municipais fechadas. Os governadores de estados que não concordaram com golpe foram substituídos por figuras nomeadas diretamente pelo executivo federal. O caráter intervencionista se estendeu à economia, colocando o Estado como agente fundamental do desenvolvimento econômico do país.¹⁴

Na conjuntura política que permitiu o golpe de estado havia uma campanha presidencial em meio ao quadro repressivo de combate ao comunismo. Diante do esvaziamento do processo eleitoral, a própria candidatura governista sofreu com a incerteza, sem o apoio de Vargas. Em meio ao ambiente de hesitação, o documento forjado pelo Ministério da Guerra que relatava a preparação de uma nova ofensiva comunista, no que ficou conhecido como Plano Cohen, justificou a retomada do estado de guerra que havia sido momentaneamente suspenso. A atitude seguinte foi fechar o Congresso Nacional por tropas militares e o anúncio de um novo período histórico com a Constituição de 1937.¹⁵

No entanto, não se pode ignorar a participação da classe média nesses acontecimentos. Divididos entre a lealdade ao constitucionalismo liberal e a perda de confiança nesse modelo, o radicalismo de direita e esquerda admitiu que a população estava preparada para o autoritarismo imposto por Vargas.¹⁶

A partir desse contexto, Lippi afirma:

Se o debate político comportava o confronto de diferentes projetos, os contendores partilhavam o mesmo universo de temas comuns ao pensamento político da época. Podemos dizer, com risco de simplificação, que três grandes eixos marcaram o pensamento dos anos 30 e se fizeram igualmente presentes na doutrina do Estado Novo. São eles: o elitismo, o conservadorismo e o autoritarismo.¹⁷

O que se seguiu ao golpe de 1937, foi um governo centralizador, que concentrou no executivo tarefas antes divididas com o Legislativo, que recuperou práticas políticas autoritárias já conhecidas da tradição brasileira, e que também incorporou métodos mais modernos. A criação e atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda ilustra o apreço do governo com a propaganda e o interesse no controle da educação que doutrina e controla as manifestações de pensamento.

Outro aspecto importante sobre o Estado Novo é a aproximação com os fascismos europeus. Uma série de fatores assemelham os regimes, tais como: o antiliberalismo, o antiparlamentarismo, a valorização do papel do Estado, o reconhecimento de direitos individuais desde que de acordo com as necessidades coletivas, o destaque

¹⁴ Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio_vargas/. Acesso em: 22 set. 2016.

¹⁵ Idem.

¹⁶ SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2010, p. 62.

¹⁷ OLIVEIRA, Lúcia L.; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela Maria de C. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. p. 15.

para o papel das elites como únicas dirigentes capazes de prover o bem do povo. No entanto, como adverte Skidmore,

É importante compreender que, à diferença de seus mentores europeus do fascismo, Vargas não organizou nenhum movimento político para servir de base a seu regime autoritário. Não havia um partido de Vargas, um movimento do Estado Novo, ou militantes governistas na sociedade brasileira.¹⁸

Se tratando do amadurecimento político do país, o Estado Novo representou a estagnação. A organização em torno de ideologias ou de classes, nos moldes dos partidos políticos, foi duramente reprimida com a proibição das organizações. Os grupos de esquerda sofreram mais, com seus membros perseguidos e mortos, mas os integralistas também foram enfraquecidos.¹⁹

Essa estagnação pode ser lida na segunda coluna de Braga, na reedição de maio de 1938. Seu *O homem da rua* com um bonequinho desenhado vestido de smoking saudando o público, fala de uma revolução em Honduras e, no parágrafo seguinte fala de salvadores da pátria na Romênia, mencionando um golpe de Estado pelo rei Carol, comparado-o a Vargas: “deu uma espécie de golpe, assim como dr. Getulio Vargas fez aqui”. Alfineta a mão forte do ditador: “O governo resolveu fechar, no Brasil, os partidos e as escolas, sociedades, jornais que fazem propaganda política estrangeira. Estrangeiro que quiser fazer política faça o obséquio de ir fazer lá na terra dela. Aqui não pôde. Muito bem” termina.

A *Diretrizes* de Amaral

Os integralistas não compactuavam com o novo governo de Vargas que os hostilizou e revidaram a repressão que estavam sofrendo e, sob a liderança de Plínio Salgado, investiram um ataque ao Palácio Guanabara, sede do governo à época. O evento aconteceu no mesmo mês de lançamento de *Diretrizes*, como consequência, esse foi o tema do editorial do primeiro número. Sobre o assunto, Wainer reforça o antagonismo da revista com os integralistas:

A revista foi lançada em maio de 1938, no mesmo mês que os integralistas cometeram seu grande erro: o ataque ao Palácio Guanabara, onde Getúlio morava com a família. Surpreendidos pelo Estado Novo, que pusera fim a seus desfiles enormes, arrogantes e triunfalistas, os partidários de Plínio Salgado reagiram com o fracassado ataque ao Palácio. Era a chance que Getúlio aguardava para assentar-lhes o golpe final. O integralismo entrara no *index* do Estado Novo, mas as forças pró-fascismo eram ainda consideráveis

¹⁸ SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo (1930-1964)*, *Op. cit.*, p. 64.

¹⁹ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>. Acesso em: 22 set. 2016.

no Brasil, e contavam com várias autoridades do governo. *Diretrizes* tinha um poderoso inimigo a combater.²⁰

Concordando com as declarações de Wainer, o texto de Azevedo Amaral - publicado no primeiro número do periódico - faz duras críticas ao movimento integralista. Entre outros adjetivos, Amaral chama o grupo de “forças secundárias e até insignificantes”, e também “inofensivas e ineficazes maripozas que esvoaçam em tomo de um grande fóco luminoso”. Mas a principal crítica do intelectual é quanto ao caráter falsamente nacionalista do movimento,

Uma percentagem esmagadora dos conscritos do sr. Plinio Salgado pertenciam aos elementos sociais que sistematicamente se abstêm de pensar e sentem irresistível fascinação por tudo que é exótico, maravilhoso e obscuro. A camisa verde tornara-se não um simbolo de autentico nacionalismo, mas uma expressão concreta de um exotismo que atraía os espiritos fracos, exatamente pela circunstancia de contraditar violentamente o que tradicionalmente e na vida atual constitue a realidade brasileira.²¹

Formado em medicina, Amaral atuou no jornalismo político tendo livros publicados sobre as questões públicas do país. Dentre os mais conceituados estão *Getúlio Vargas, estadista* e *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Defensor da intervenção estatal na economia, fez duras críticas ao modelo liberal. Foi com sua influência política que Amaral fundou *Diretrizes*.

Lúcia Lippi articula o pensamento de Azevedo Amaral à ideologia do Estado Novo no que tange ao autoritarismo. A autora explica que, para Amaral, o desenvolvimento da sociedade depende de uma revolução que não é igualitarista. Apenas na ação das elites, mesmo que por meio de um golpe de Estado, as influências renovadoras são possíveis. Na ausência da ação desse grupo, as influências das massas populares não se perpetuam no tempo.²²

Em *Diretrizes*, Amaral assinava a seção “A Política do mês” que se configurava como o editorial do periódico. Logo no seu primeiro texto publicado nota-se o uso do espaço impresso para enaltecer o regime e as ideias autoritárias. O autor denomina a instauração do Estado Novo como “a primeira revolução construtiva” e afirma:

A estrutura do Estado autoritário acha-se por tal forma entrosada com as obras vivas do organismo nacional que, mesmo quando os seus dirigentes não quisessem submeter as atividades ao ritmo do bem público, seriam forçados pela irresistível ação automática das engrenagens da maquinaria do governo a conformar os seus movi-

²⁰ WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*, *Op. cit.*, p. 49.

²¹ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 1, abril de 1938.

²² OLIVEIRA, Lúcia L.; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela Maria de C. *Estado Novo: ideologia poder*, *Op. cit.*, p. 55

mentos com o sentido de uma organização estatal em que o indivíduo, por maior que seja a esfera de poder a ele atribuída, não pode eximir-se ao predomínio imperativo do interesse coletivo.²³

Essa orientação de Amaral pode ser notada na política de Vargas em relação aos sindicatos. Autorizando a atuar apenas os que fossem pró-governo, os chamados *sindicatos pelegos*, o estado conseguia impedir que as greves, que eram proibidas, acontecessem com a justificativa de que eram prejudiciais ao trabalho e ao capital nacional. Nota-se que o interesse coletivo justifica uma ordem estatal que limita direitos individuais e de uma parcela significativa da população. Diferente do que afirma Amaral, o “entrosamento” do organismo nacional está apenas na classe dirigente, e o “interesse coletivo” impediu que trabalhadores buscassem melhores condições. Importante ressaltar que, tanto a política de Vargas quanto o pensamento de Amaral, estão em sintonia com o pensamento social predominante na década de 30 que atribui integralmente às elites a responsabilidade de mudança social já que o restante da população estaria imerso em uma profunda ignorância.

Amaral adota a influência exercida pelo modelo biológico na produção do conhecimento, e enxerga a nação como um corpo que busca o equilíbrio na harmonia entre as formas organizacionais e a realidade. Não há conflito entre a ação do indivíduo e a vontade coletiva e os impulsos contraditórios a esse padrão de funcionamento da sociedade devem ser impedido pelos seres superiores, os governantes, que interferem no curso da história. É a existência de indivíduos diferentes que causa uma sociedade desigual, na qual a democracia deve assegurar o exercício da liberdade dentro dos critérios da vontade coletiva expressa na ação estatal. A revolução, para o autor, é a busca pelo restabelecimento da hierarquia para, em última instância, apressar o curso natural.

A função tantas vezes exercida pelo que parecia representar apenas um sub-produto da fermentação política e social assume não raro proporções de tão profunda repercussão e tão longo alcance, que o espírito é levado a crer que uma orientação providencial dos acontecimentos pôz em contribuição para os seus fins cousas minúsculas que pareciam mover-se apenas ao redor dos acontecimentos, *como inofensivas e ineficazes mariposas que esvoaçam em tomo de um grande fóco luminoso*.²⁴

É possível perceber nos editoriais sua posição política e sua militância em defesa do autoritarismo como um modelo para o Brasil daquele momento. A revista serve como plataforma para que ele possa difundir suas ideias. O primeiro número de *Diretrizes* reflete esse caráter mais sisudo e de doutrinação. No entanto, ao longo do período que está à frente da revista, a força dos argumentos políticos de Amaral vai perdendo terreno para as inovações e as novas pautas sugeridas por Wainer, sem que o espaço destinado ao autor fosse alterado.

²³ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 1, abril de 1938.

²⁴ *Idem*.

Entre outros aspectos, Amaral critica o liberalismo no que tange a relação entre o estadista e a direção do Estado. De acordo com o autor, o antagonismo entre um personalismo e a democracia liberal é baseado em abstrações e ficções. Amaral diz que o predomínio de um homem era encarado como desvirtuamento do regime liberal-democrático, e explica sua visão do líder político como elo de identificação entre o estado e a nação:

O papel reservado ao homem, isto é, ao estadista, ao chefe que governa efetivamente e é um condutor da Nação na plenitude da significação do termo, reassumiu nas sociedades atuais a importância que sempre tivera até o advento dos regimes políticos incorporados na órbita da democracia liberal.²⁵

As ideias de Azevedo Amaral fazem parte da complexa teia ideológica do Estado Novo. Mas, para além dos conceitos, a prática cotidiana dos acontecimentos políticos também englobou a população. As ideias autoritárias tinham eco entre os intelectuais e revolucionários ao ponto de o brasilianista Thomas Skidmore afirmar que, “se fosse preciso escolher entre a anarquia e o autoritarismo, um número surpreendentemente grande dos revolucionários de 1930 estava disposto a ficar com o último, pelo menos em potencial”.²⁶

O estilo essencialmente democrático do Estado autoritário patenteia-se assim no estabelecimento normal de uma intimidade entre o governo e a opinião pública. Esta passa a ser esclarecida sobre a marcha da administração como nunca o fora, nem podia tê-lo sido nos regimes passados. Por outro lado o Chefe da Nação com esse sistema de governo de portas abertas, qual bem acaba de defini-lo o presidente Getúlio Vargas, fica habilitado a receber de todos os quadrantes da vida nacional contribuições úteis para a sua própria orientação política e administrativa. Realiza-se assim uma verdadeira democracia, em que cada cidadão pode participar, na medida da sua capacidade, na obra comum de direção dos destinos nacionais.²⁷

Nesse quesito, a verve autoritária do governo também pode ser notada na rejeição do liberalismo econômico. O esforço de industrialização levado a cabo na década de 30 tinha clara intervenção estatal. Foi principalmente pelo uso de uma série de incentivos fiscais, como controles cambiais, controle de crédito, impostos etc., e no investimento público direto em ferrovias, navegação, petróleo e outros, que a economia foi dirigida pela autoridade máxima do governo federal.²⁸ Na mesma linha, Amaral legitima o autoritarismo do Estado por tratar-se de uma tarefa necessária a construção da nacionalidade.

²⁵ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 3, junho de 1938.

²⁶ SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo (1930-1964)*, *Op. cit.*, p. 68.

²⁷ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 2, maio de 1938.

²⁸ SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo (1930-1964)*, *Op. cit.*, p. 76.

O Estado Autoritário, qual o instituiu a Constituição de 10 de Novembro, é a única forma possível de Estado democrático nacional. Nele a unidade da Nação, irrealizável no sistema das formações partidárias múltiplas, empenhadas na conquista alternada do poder através da confusão eleitoral do sufrágio universal promiscuo e direto, torna-se viável e não pode mesmo deixar de existir desde que o funcionamento das instituições se processe em condições normais. Mas a coesão nacional e a identificação da coletividade dos cidadãos com o Estado, exigem uma coordenação efetiva dentro dos quadros de uma organização política única.²⁹

O que chama a atenção é que esse pensamento autoritário de Amaral encontra vozes que divergem de seu ponto de vista. O mosaico formado pelo meio de comunicação permite essa pluralidade de opiniões, essas múltiplas vozes, passíveis de serem percebidas na mídia até hoje. Rubem Braga faz a crônica da cidade e relata:

Na rua Sachet, numero 28, ha um casarão fechado. Pregado na porta, um papel selado. É um anúncio: aluga-se este prédio... Quem quiser vê,, vá lá. E quem quiser alugar, cuidado. O casarão é mal assombrado. De madrugada erram por ali fantasmas verdes, magros, e punhal na mão, falando bobagens terríveis, e dizendo de vez em quando, com voz soturna: A-na-uuu-êêêê...³⁰

O rompimento de Amaral e a continuidade com Genolino Amado

O rompimento de Azevedo Amaral com *Diretrizes* não é explicado muito claramente no livro de Wainer. Sobre o assunto, o jornalista relata que o clima da redação foi deixando Amaral acuado pois, já a partir do segundo número, começaram a fazer parte do periódico textos de importantes nomes da literatura nacional ligados à esquerda como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz.

Além da coluna "*A Política do Mês*", Amaral também assinava o *Comentário Internacional* em *Diretrizes*, e foi nesse espaço que, convencido por Wainer, o intelectual rompeu o silêncio sobre a guerra civil espanhola. O assunto, censurado na imprensa nacional, foi publicado na quarta edição da revista que rapidamente se esgotou nas bancas. No texto, o autor apresenta o histórico do conflito e a relação da disputa com os fatores estrangeiros. Wainer lembra em seu livro:

A publicação da reportagem sobre a guerra civil espanhola alertou Azevedo Amaral para os riscos contidos na convivência com a redação de *Diretrizes*. Ele me chamou para comunicar sua insatisfação e informar que deixaria a revista. Fizemos um acordo. Ele ficaria com os dois contos da Light, eu com o título. Numa tentativa de rescisão civilizada, acertamos que ele continuaria a assinar a principal reportagem internacional da revista. A busca de um desquite amigável resultaria inútil. Quinze dias depois, naturalmente valendo-se da verba da Light, Azevedo Amaral lançou uma revista

²⁹ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 4, julho de 1938.

³⁰ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 3, junho de 1938.

chamada *Novas Diretrizes*, abertamente financiada pelo DIP. E em franca oposição à nossa. Em contrapartida, estávamos livres para fazer a revista que imaginávamos adequada ao Brasil daquele momento.³¹

O relato do jornalista nos leva a crer que o rompimento com Amaral não foi pacífico. Nessa mesma lógica acrescenta-se à narrativa de Wainer, o fato de que, no mesmo novembro de 1938 que deixou de figurar como diretor de *Diretrizes*, Amaral lançou *Novas Diretrizes – Política, Cultura, Economia*, levando consigo o patrocínio da empresa Light and Power. Seguindo a linha do pensamento de Amaral, a nova revista combatia o liberalismo e o marxismo, também veiculava conteúdos fascistas, apesar de diminuir tal afinidade depois que o Brasil entrou na guerra. Prioritariamente, *Novas Diretrizes* discutia as políticas gerais do Estado Novo chegando, inclusive, a propor a nacionalização da imprensa.³²

Com a saída de Azevedo Amaral da redação de *Diretrizes*, a coluna "A Política do Mês" passou a ser escrita por Genolino Amado. Formado em advocacia, o sergipano de Itaporanga destacou-se, desde jovem, na imprensa, especialmente nas crônicas. Geno, como assinava os primeiros textos, substituiu Menotti Del Picchia no jornal *Correio Paulistano*, foi também chefe da censura teatral e cinematográfica de São Paulo entre os anos de 1928 e 1930 e teve posição de destaque nos *Diários Associados*.

Em *Diretrizes*, apesar de assinar a mesma coluna que Amaral, "A Política do Mês", Genolino manteve tom e temas dos textos de maneira particularmente diferenciados. Enquanto Amaral destacava as diretrizes do estado autoritário nas ações efetivas do governo, Genolino evitou esse tipo orientação, escolheu temas indiretamente ligados à administração do país e chegou a apresentar tom de cobrança. É preciso registrar que os elogios a governança de Vargas estão presentes, mas Genolino faz análises sociais e sugere ações políticas, não tenta apresentar ou elucidar a ideologia do Estado Novo como Amaral fizera.

No primeiro editorial que escreve para a revista, Genolino fala sobre a importância da juventude e da educação para o governo. Por ocasião do aniversário de um ano de instituição do Estado Novo, o autor afirma no texto intitulado *A juventude brasileira e o sentido realista de sua educação* que,

Desse modo, a questão da juventude teria de repontar entre os assuntos palpitantes dessa expectativa geral pelas providências e realizações a serem lançadas no próximo 10 de Novembro.

E já que se aguarda um grande programa de ação e renovação educativa, é indispensável salientar desde agora um dos aspectos mais graves, mais importantes e, infelizmente, mais descuidados do ensino brasileiro. Falando com franqueza, mas com a franqueza de quem pretende ajudar a construir, se realmente se cogita de construção, deve-se dizer que o maior erro do ensino brasileiro é que ele

³¹ WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*, *Op. cit.*, p. 54.

³² Disponível em: <http://bndigital.bn.br/artigos/novas-diretrizes/>. Acesso em: 22 set. 2016.

não ensina o Brasil. Isto é, o Brasil da realidade, o Brasil que existe, o Brasil que devemos amar tal como é, na esperança de fazê-lo amanhã diferente e melhor. Nada é mais necessário em nosso país do que dar um sentido realista à educação da juventude. E, para mal dos nossos pecados, esse sentido sempre faltou entre nós.³³

O segundo e terceiro texto de Genolino para *Diretrizes* revelam uma análise crítica da sociedade brasileira e até mesmo um aspecto de cobrança para com o governo. Sem sequer citar o nome de Vargas, uma novidade nos editoriais da revista até então, o autor avalia a “bondade brasileira” e defende uma reabilitação da inteligência brasileira, respectivamente. Em *Pela reabilitação da inteligência brasileira* o autor critica o desprestígio que tem o homem letrado, que interpreta a realidade do país.

No anedotário nacional o interprete da realidade e o descobridor dos mundos irrealis da poesia representam o palhaço triste que faz rir da própria desgraça, como o bufão de corpo monstruoso e alma subtil de que escarneciam os toscos barões medievais.³⁴

Conclusões

No jogo de disputa da linha editorial de *Diretrizes* é possível notar que a revista teve um percurso particular que apenas começa a ser analisado neste trabalho. O debruçar sobre a participação de Azevedo Amaral como um dos fundadores do periódico nos levou a uma *Diretrizes* que tem poucos trabalhos na academia. Nesse sentido, estudamos alguns textos de uma revista alinhada ao autoritarismo, diferente da que ficou consagrada como bastião da imprensa na defesa de valores democráticos, firmemente posicionada contra o antissemitismo e os fascismos europeus, e repleta de novidades jornalísticas instituídas pelo jovem Samuel Wainer. Tais características merecem mais atenção ainda no primeiro período da revista e uma possível maneira de apresentar o clima da redação que deixou Amaral acuado, como cita Wainer, seria a análise dos textos voltados para as questões culturais. As crônicas de Rubem Braga, as seções fotográficas, as colunas sobre cinema, teatro e literatura, com temas que escapam da censura, retratam uma realidade brasileira diferente da exposta nos editoriais claramente pró-Vargas de Amaral ou indiretamente políticos de Genolino.

A revista terminou em 44: Samuel recebe um aviso do diretor do DIP de que *Diretrizes* perdera o direito à cota de papel que garantia sua impressão. Samuel não se surpreendeu, porque a ameaça era permanente. Como era uma revista engajada, *Diretrizes* era regularmente apreendida pela polícia e ele passava longas horas tendo que burlar, convencer os burocratas do Departamento de Imprensa e Propaganda

³³ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 8, novembro de 1938.

³⁴ *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Número 10, janeiro de 1939.

(DIP) a liberarem a publicação. Uma das primeiras atitudes da nova fase do periódico foi publicar uma série de matérias lembrando o tenentismo da década de 1920, cujos ideais eram originalmente moralizar e democratizar a República, então dominada pelas oligarquias estaduais.

Assim que recebeu a carta do DIP, Samuel escreveu uma carta ao capitão Amilcar de Menezes querendo saber a razão do fechamento da revista, questionando: fecharam a revista porque ela era a favor da industrialização do país? Por que defendia a liberdade através da campanha do tenentismo? A carta correu de mão em mão e Samuel logo procurou asilo na embaixada do México, preocupado com represálias do governo. O embaixador do México no Brasil era seu amigo e o manteve na embaixada não asilado - porque não havia ordem de prisão contra ele. Ficou lá três dias, depois seguiu em exílio para Buenos Aires. Na capital portenha reencontrou colegas jornalistas e mandava matérias para *O Globo*. Samuel havia forçado sua saída do Brasil, mas não queria ficar numa lista negra de jornalistas. Havia uma vontade de aprender, de saber mais sobre o mundo, e a melhor forma era viajar.

Seu destino final acaba sendo os EUA, no princípio do ano de 1945, sob a proteção de seu amigo Nelson Rockefeller. Faz algumas coberturas sobre conferências de paz até que Roberto Marinho lhe encomenda uma reportagem sobre a filha de Prestes, Ana Leocádia, que morava no México. Ele a localiza e faz um texto que ele mesmo define como “de um patetismo de telenovela”.³⁵ A matéria deu primeira página na edição de *O Globo*. Samuel tinha conseguido cartõezinhos de Prestes com versinhos e desenhos de gato que o *Cavaleiro da Esperança* fez para a filha. A reportagem foi premiada e apontada como padrão de matéria política. Samuel decide voltar para o Brasil, e fazer de *Diretrizes* uma publicação diária. “Foi o meu maior fracasso jornalístico, a maior lição jornalística que eu tive”.³⁶ Samuel reuniu toda sua equipe, seu exército de Brancaleone, para fazer o jornal:

E convoquei a nata da intelectualidade brasileira, Carlos Drummond de Andrade fazendo copidesque, o poeta Jorge de Lima, (...) Eu convoquei os intelectuais, que a minha concepção de jornal era toda intelectual. Montamos o jornal, nós não tínhamos oficina, não tínhamos dinheiro, não tínhamos papel. O papel nos foi fornecido por outros jornais que resolveram sacrificar a sua saída para nos dar papel, tal a importância que se dava a *Diretrizes*.³⁷

O tom da luta de um jornalista que precisa de uma publicação para sobreviver é contagiante. Ele sempre parece pronto para recomeçar em sua profissão. Um mês após o lançamento do jornal, percebeu que seria um fracasso. O Partido Comunista combateu a publicação imediatamente, pois Prestes nunca o perdoou pela entrevista que fez com Ana Leocádia. Wainer visitou Prestes na prisão e o capitão considerou a entrevista uma “sórdida exploração do sentimentalismo burguês”, e ordenou aos

³⁵ Fita n. 10, p. 19/200, do material bruto de Samuel Wainer.

³⁶ Fita n. 10, p. 19/200, do material bruto de Samuel Wainer.

³⁷ Fita n. 10, p. 20/201, do material bruto de Samuel Wainer.

linotipistas que não imprimissem o jornal de Wainer. *Diretrizes* é vendida a João Alberto por 300 contos. Oswaldo Costa dirige a revista e Samuel viaja para a Europa como seu correspondente. Mandava suas reportagens sobre o Tribunal de Nuremberg e o fim da guerra na Europa. A revista havia se transformado, passou a ser sensacionalista. Samuel volta ao Brasil em 1947, já como repórter consagrado internacionalmente, afasta-se de *Diretrizes* e é contratado por Chateaubriand para trabalhar em *O Jornal*.

Há muito que se escrever sobre a revista *Diretrizes*, e seguimos na nossa tese de que a revista constitui-se num espaço de resistência ao Estado Novo e uma plataforma importante de divulgação da cultura e de ideias liberais e progressistas. Apesar de Amaral, Wainer tinha seus redatores e colunistas convidados que não se abatiam com possíveis censuras a seus textos, como Rubem Braga e Álvaro Moreyra. Essa resistência se estendia pelas diversas seções da revista. O espaço de informação era habilmente distribuído por Wainer, que foi - aos poucos pelo que se depreende da leitura de *Minha razão de viver* - tomando as rédeas da edição da publicação.

O mundo em 1938 a 1944, sofreu tempestades de toda ordem, genocídios, autoritarismo de esquerda, de direita, assassinatos, perseguições e muita tristeza. As notícias corriam o mundo, e um jornalismo que quisesse portar esse nome, não poderia se deixar abater ou se entregar imediatamente à censura e a repressão. Apesar de parecer uma utopia, Wainer foi valente no enfrentamento da ditadura do Estado Novo. Pelo menos nesse intervalo de seis anos.

Artigo recebido em 15 de agosto de 2016.

Aprovado em 12 de novembro de 2016.